

DESAFIOS E POTENCIALIDADES NAS INTERVENÇÕES DE JOVENS MORADORES DE FAVELAS EM SEUS TERRITÓRIOS: UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR DA PEDAGOGIA SOCIAL

Luana Almeida de Carvalho Fernandes¹
Adriana Frossard Borges²
Diego da Silva Santos³
Ian José Marinho Dias⁴
Celso de Souza Cunha⁵
Ana Carla da Costa Alcântara⁶

INTRODUÇÃO

O texto deste capítulo versa sobre as potencialidades no trabalho com jovens oriundos dos territórios de favelas, a partir do desenvolvimento de projetos de intervenção social baseados nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) ⁷da Organização das Nações Unidas (ONU).

Nosso objetivo é esmiuçar uma prática educativa que se sustenta nos pilares da pedagogia social, apresentando e analisando uma experiência de trabalho enquanto uma metodologia desenvolvida pelas autoras e autores do presente texto, com foco em quais foram os pontos de potência e os maiores desafios dos projetos criados e executados pelos jovens participantes e como foi nossa implicação diante disso.

Apesar de atuarmos num projeto social operado por uma empresa, o conceito de responsabilidade social, embora seja muito utilizado no meio empresarial, está para além

¹ Psicóloga, especialista em Responsabilidade Social e Gestão de Projetos Sociais, mestra em Políticas Públicas em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: luanaacfernandes@gmail.com.

² Pedagoga, Psicopedagoga, especialista em Administração e Planejamento da Educação, Gestão de Pessoas e Recursos Humanos, Mestranda em Políticas Públicas em Direitos Humanos pelo NEPP/DH - UFRJ Professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Pedagogia Social para o século. XXI - FEUFF (UFF). E-mail: adrianafrossardborges@gmail.com.

³ Psicólogo, especialista em Gênero e Sexualidade; Pós Graduado em Teoria Psicanalítica; Mestre em Políticas Públicas em Direitos Humanos pelo NEPP/DH-UFRJ. . E-mail: diesantos.psicologia@gmail.com.

⁴ Assistente Social, especialista em Roda de Terapia Comunitária. E-mail: ianzyy83@gmail.com.br.

⁵ Neuropsicopedagogo, Psicanalista, Hipnoterapeuta, Arteterapeuta. Mestre em Educação e Doutorando em Psicologia (UCES). E-mail: psicanalistacelso@gmail.com.

⁶ Assistente Social, Especialista em Gestão, com MBA em Gestão Empreendedora pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Gestora Operacional do Sesi e Senai Firjan. E-mail: aalcantara@firjan.com.br

⁷Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis representam os principais pontos a serem melhorados globalmente até 2030. Nesta direção, a ONU lançou uma plataforma online, denominada, Agenda 2030, composta por composta por 17 objetivos, 169 metas e 231 indicadores, servindo como base de pauta para discussões sobre a preservação do meio ambiente, geração de resultados econômicos satisfatórios e equidade social. As discussões realizadas para formulação dos ODS`s não são recentes, historicamente tiveram início na década de 80, através de debates em nível global sobre sustentabilidade, liderados pela Organização das Nações Unidas que também somou esforços para outros desafios, como a preocupação com questões econômicas, humanitárias e sociais.

desse cenário. Ele pode ser compreendido como ações e atitudes que afetam de forma positiva a sociedade, atento às mudanças e perfis culturais. Ao se falar em cultura deve-se pensar a empresa imersa nesse universo como produção de sujeitos e organizada por esses, representando seus valores e visões de mundo que ocorrem em determinada sociedade.

Os projetos de intervenção social realizados pelos jovens foram inspirados na ideia de empreendedorismo social. Os participantes do Programa ViraVida⁸, oriundos de diversas favelas e territórios cariocas, tais como: Rocinha, Cidade de Deus, Prazeres, Vidigal, Babilônia, Santa Marta, Parque da Cidade, Curicica, Cantagalo, Pavão-Pavãozinho, Água Santa, Taquara, São Carlos, Madureira e Catete, tiveram como missão identificar situações e problemas que os mobilizassem em busca de uma resolução, propondo, então, intervenções que perseguissem esse objetivo.

Assim, cumprimos um papel tal como as organizações vêm elaborando e colocando em prática: ações de responsabilidade social que em boa parte se materializam em atuações diversas, como a inclusão social e a redução de impactos ambientais.

Uma das formas de se praticar a responsabilidade social é por meio de projetos sociais que devem ser criados com ideias e aspirações coletivas, voltadas para a construção do bem comum. Desta forma, surgiu no Programa ViraVida a ideia de se trabalhar com os ODS que, por estabelecerem 17 objetivos e 169 metas, representam uma oportunidade importante para construir uma trajetória mundial com equilíbrio ambiental e social.

Nas próximas seções do texto iremos destacar alguns momentos que acreditamos serem importantes compartilharmos e refletirmos, tais como os desafios e potencialidades do trabalho transdisciplinar e o processo de construção dessas intervenções, desde os estímulos para introduzir os ODS mais próximos ao cotidiano, numa perspectiva Freiriana de educação, até a apresentação dos resultados dos projetos dos jovens.

⁸ O Programa ViraVida atende jovens entre 15 e 22 anos, em situação de vulnerabilidade social. Um dos diferenciais do programa é o desenvolvimento humano de seus participantes, visto que alguns projetos voltados para o público jovem têm como foco apenas a profissionalização e inserção no mercado de trabalho. O ViraVida visa desenvolver o jovem a partir do paradigma de integralidade, na qual inclui aspectos psicossociais: autoestima, saúde mental, vínculos familiares e comunitários, estímulo ao desenvolvimento contínuo dos projetos de vida, além da inclusão sócio produtiva, a geração de emprego e melhoria da renda pessoal e familiar. Maiores informações em: SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA, Conselho Nacional. Tecnologia Social ViraVida. Componente 1 – Articulação e Mobilização. SESI-CN: Brasília, 2014.

PORQUE FALAR DOS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - ODS?



Os ODS entraram como um desafio para a equipe do Programa ViraVida enquanto uma meta de trabalho e um compromisso da nossa agenda política implicada ao tema. Contudo, foi um grande desafio nos aprofundarmos e aprendermos sobre o tema, nos seus pormenores e aprofundamentos, de forma a conseguir trabalhar com ele junto aos participantes do programa. Nós não aprendemos apenas para repassar conhecimento, nós nos desenvolvemos junto ao tema com os jovens, aprendendo também com eles.

A introdução aos ODS já começou no processo de inserção de nossos alunos para participarem do programa, conforme metodologia construída pela equipe técnica para o trabalho com os ODS (FERNANDES et al 2020). Na etapa das dinâmicas, os jovens participaram das discussões sobre meio ambiente, educação, paz, equidade de gênero, desigualdades, entre outros, através de apresentações artísticas criativas. A metodologia da condução dos projetos nos ODS foi composta por etapas flexíveis: afetação, observação, planejamento da ação e experiência, viabilizando a flexibilidade necessária no decorrer de todo projeto. Uma vez iniciado o ciclo educativo do ViraVida com os alunos, naturalmente voltamos ao tema dos ODS como uma costura transversal aos componentes de nosso projeto pedagógico.

Freire (1996) defende que a escola deve respeitar os saberes construídos socialmente pelos seus alunos na prática comunitária. O ViraVida, sendo um programa na área da educação, visa auxiliar no desenvolvimento de sujeitos autônomos e críticos. Portanto, tem como prática discutir os problemas vividos por seus participantes. Foi nessa perspectiva que materializamos os ODS em situações reais do dia a dia de nossos alunos.

Dessa forma, respondemos à pergunta de Pereira (2017): “como vivemos a tensão entre a produção criativa de novos conhecimentos e a reprodução de conteúdos considerados legítimos em nossa área de formação?” (p.113). Essa é uma questão que nos desafia em nosso

cotidiano educacional. Paulo Freire (2001) nos auxilia nessa resposta ao postular o “saber de experiência feito”:

(...) uma coisa continua em mim, como pessoa e como educador, quer pensando a prática educativa quer fazendo a prática educativa, é um profundo respeito à figura do educando, ao gosto do educando e à formação do educando. [...] E um grande respeito, também, pelo saber “só de experiências feito”, como diz Camões, que é exatamente o saber do senso comum. Discordo dos pensadores que menosprezam o senso comum, como se o mundo tivesse partido da rigorosidade do conhecimento científico. De jeito nenhum! A rigorosidade chegou depois (FREIRE, 2001, p. 232).

Tendo por base essas concepções Freirianas pela prática do ensinar, trouxemos discussões sobre todos os dezessete ODS. Num período de dez dias, realizamos vinte encontros com turmas dos turnos da manhã e da tarde, para trabalhar com nossos cem jovens no ano de 2019.

Para essa aproximação de um tema aparentemente tão distante como os ODS para a realidade do dia a dia, realizamos uma aproximação gradual, inspirados pela zona do desenvolvimento proximal de Vygotsky (FINO, 2001). A zona de desenvolvimento proximal indica ao educador as habilidades que estão próximas de serem alcançadas pelo aluno e sua capacidade de resolver não só os problemas determinados, mas outros problemas semelhantes. Dessa forma, conseguimos perceber e aprender, junto com os jovens, como algumas ações que já aconteciam - com exemplos ao redor do mundo e outros no nosso país, na nossa cidade, e nos seus territórios de moradia - eram intervenções que somavam ações para o cumprimento dos ODS. Para nós também foi um desafio entender a proposta dos ODS e pensar em nosso contexto social. Esse movimento que fizemos junto ao nosso público atendido foi de dupla aprendizagem. Com isso, chegamos também à conclusão que ações diversas, e não apenas empreendimentos ambiciosos, podiam ser realizados.

O desmembramento dos temas de cada ODS e a inserção deles no dia a dia foi um fator determinante que ampliou e aumentou a motivação e participação dos jovens. Mais a frente, no processo de desenvolvimento dos projetos dos jovens, percebemos que por vezes, a compra dos materiais para a confecção de produtos e para o subsídio das intervenções era proposto por eles mesmos a fim de que fosse realizado com o próprio dinheiro – nossos jovens recebiam uma bolsa-auxílio em dinheiro para a participação nas atividades do ViraVida, que embora servisse como incentivo para a continuação dos estudos, comumente era utilizada como auxílio nos gastos mensais para a subsistência deles. A proposta de gastar dinheiro com seus próprios projetos evidencia como essas atividades se tornaram importantes para os alunos; ações que valiam a pena serem realizadas para muito além de cumprir uma atividade educacional obrigatória.

Um dos estímulos disparadores para a discussão dos ODS no nosso cotidiano, a partir do pensamento de uma cidadania ativa na sociedade, foi o documentário “*Quem Se Importa?*”⁹ da diretora Mara Mourão. O filme é uma longa metragem de noventa e três minutos, filmado em sete países diferentes: Brasil, Peru, USA, Canadá, Tanzânia, Suíça e Alemanha. O filme também conta com várias animações, além das cenas gravadas em três idiomas diferentes (Português, Inglês e Espanhol) e com narração de Rodrigo Santoro e produção de Mamo filmes e Grifa filmes.

Descrito como “mais que um filme, um movimento” e como “um filme para aqueles que acreditam que qualquer um pode mudar o mundo”, é um documentário no qual a diretora foi atrás de pessoas dispostas a dedicar seu tempo a praticar o bem, no Brasil e nos demais seis países. São apresentadas entrevistas com líderes de organizações e entidades sem fins lucrativos que queriam desde erradicar a miséria no planeta até darem aparato jurídico a presidiários sem condições financeiras. Entre os brasileiros estão Eugênio Scanavino, médico responsável por um barco-hospital que atende a regiões remotas da Amazônia, e Rodrigo Baggio, da ONG Comitê para Democratização da Informática (CDI), de inclusão digital. Há ainda histórias estrangeiras edificantes, emotivas e muito curiosas, como de uma professora que ensina empatia às crianças de sua escola, acompanhando os processos de gravidez de algumas mulheres até o primeiro ano da vida do bebê.

O próprio documentário possui um site onde fomenta o movimento “Eu me importo”, estimulando ações de transformações para um mundo melhor. A partir disso, trabalhamos em um contexto de possibilitar a construção de uma visão sobre nós mesmos enquanto agentes de mudança social, elaborando atitudes atreladas a uma cidadania que vai para além das ideias usualmente comungadas sobre o que é ser cidadão: promovemos uma cidadania ativa (Fernandes et al, 2020). Tal forma de enxergar o mundo, além de fomentar o protagonismo juvenil e a cidadania plena foi também útil para ressaltar as potencialidades do território da favela.

A articulação da equipe do programa ViraVida para o estabelecimento do funcionamento do próprio programa permite o fortalecimento da rede de garantia de direitos. Ou seja, são em parceria com órgãos, empresas, entidades e equipamentos públicos que podemos realizar um trabalho visando o desenvolvimento dos jovens nesse conceito de cidadania plena e ativa. Tais articulações foram ricos exemplos de ações que se inscrevem

⁹ Segundo site dedicado ao filme, disponível em: <<http://www.quemseimporta.com.br/>>. Acesso em 01 de Set. de 2020.

nos ODS e foram fundamentais para que os jovens, num segundo momento, pensassem seus próprios projetos.

Ações que aconteciam no território da Rocinha, por exemplo, favela onde a maior parte dos nossos jovens reside, foram um incentivo na busca de inspirações para as intervenções, além de endossar a ideia que as ações deles poderiam potencializar as que já existiam. Ações como as do Tio Lino, artista plástico que faz maquetes de favelas com lixo reciclado da Rocinha e mantém, às próprias custas, uma escolinha de artes para jovens; o Projeto De Olho no Lixo, no qual moradores criaram uma cooperativa de reciclagem na Rocinha; os projetos das escolas da Rocinha e do entorno, como o CIEP Ayrton Senna ou o Colégio André Maurois, no bairro vizinho; a iniciativa da Casa de Convivência Naná Sette Câmara, que atende idosos a partir de 60 anos de idade, independentes e com pequenas dependências e; do Projeto Social Grupo de Ação Social Comunitária – GASCO, em uma favela vizinha, foram exemplos mobilizadores, inspiradores e palpáveis.

Fechando as discussões sobre os ODS, convidamos os jovens a realizarem um teste *on line* para descobrirem “Qual é a sua causa?”¹⁰. O “Descubra Sua Causa” é uma iniciativa do Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social – IDIS, para fortalecer a cultura da doação no Brasil, em parceria com as plataformas de doação social e simbiose social, o portal de voluntariado Atados e o portal Catraca Livre. Apesar disso, não é apenas um *site* de doação. Ele auxilia diversas ONGs a encontrar tipos de trabalho voluntário, bem como a realizar uma doação usando imposto de renda.

Além disso, possui um teste *on-line* por meio do qual é possível descobrir qual a causa que se mobiliza mais para uma ação de transformação social: consumo consciente, diversidade e inclusão, cidades sustentáveis, inovação social, redução da desigualdade social, garantia do direito à educação, saúde para todos, proteção animal ou resgate de animais. Cada resultado corresponde ao perfil de um personagem fictício que se interessa mais por alguma das causas citadas do que as outras, e destaca quais os ODS¹¹ que se relacionavam com tais causas sociais.

Nosso objetivo foi, por meio do lúdico, articular a identificação dos jovens com assuntos sociais e de seus perfis de ativismo. Mais uma forma de construirmos caminhos e ressaltar a importância de desenvolver o protagonismo para o pleno exercício da cidadania. O fazer pedagógico é um convite a criar, aventurar-se na trilha das descobertas e da imaginação.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.descubrasuacausa.net.br/home>>. Acesso em 01 de Set. 2020.

“Um espaço em que a força, luta e reivindicações das camadas populares são evidenciadas cotidianamente, demonstrando o poder da coletividade, da cooperação e da comunidade” (FROSSARD; PINTO, 2019, p. 196).

É importante citar como os resultados dos testes direcionaram os jovens para um perfil mais comum relacionado à desigualdade social, trazendo ideias iniciais de assistencialismo. Justamente o grupo com menos alunos eram aqueles com perfis de motivação ativista em causas ou problemas ligados à ciência e tecnologia.

Infere-se, portanto, que duas causas podem estar na raiz dessa divisão. De um lado temos a implicação dos jovens com a vida, em um território no qual o poder público os deixa à revelia na resolução de problemas sociais resultantes da desigualdade econômica, onde muitas vezes serviços básicos ligados aos direitos e deveres do cidadão são pouco ou nada explorados. Por outro lado, temos a qualidade do ensino escolar ofertado. Que temas são mais explorados na escola? Os jovens saem da escola com boas bases para se interessarem ou sentirem-se capacitados para praticar ciências tecnológicas? Se pensarmos na defasagem escolar e o número de jovens favelados que alcança a universidade (SANTOS, 2019), talvez tenhamos respostas nada animadoras.

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO SOCIAL E EXERCÍCIO DA CIDADANIA - ALINHANDO EXPECTATIVAS

Uma das preocupações no nosso trabalho com os ODS foi trazer os jovens para o centro das decisões, fazendo com que participassem de todas as etapas do processo, uma forma de estimular o seu protagonismo e autonomia. Entendemos que essa prática potencializa nos participantes, o engajamento necessário quando a abordagem e proposta são pensadas com eles.

Toda a metodologia foi pensada a partir desse propósito: romper com estigmas relacionados à juventude que os colocam em um lugar de comodismo, desinteresse e pouca (ou nenhuma) participação social para agir sobre a sua realidade pessoal e local, produzindo uma visão estereotipada e homogeneizada de juventude, pensamento este que não é compartilhado pelos autores deste texto. Nossa atuação visou contribuir para o desenvolvimento do potencial dos jovens enquanto agentes de transformação.

No ViraVida, trabalhamos com jovens entre 15 e 22 anos, com níveis de escolaridade, habilidades e potenciais distintos e para nós, equipe técnica, desenvolver uma proposta inclusiva foi desafiante. Para além dessas questões, lidamos com jovens com histórias de vida

muito particulares e diversas que trazem consigo importantes bagagens em termos de conhecimento e experiências, proporcionando um grande espaço de aprendizado mútuo.

Quando sugerimos a formação de grupos, para atividades no cotidiano do projeto, observamos que, geralmente, há uma predominância de associações por afinidades pessoais, o que pode ser promissora dada a sintonia que eles desenvolvem entre si; ou ter um efeito de distração que poderia gerar um caminhar mais lento e até mesmo a “fuga” da proposta.

Nós, técnicos do Projeto, nos colocamos enquanto facilitadores para a definição dos grupos, entendendo que nesta etapa, além da autonomia e capacidade de autogestão desses jovens, era preciso que mais do que afinidades de afeto conduzissem os projetos deles.

Para além das habilidades citadas, nossa intenção era a de que eles se agrupassem por afinidade temática, o que tornaria ricas as discussões e facilitaria as proposições. Justamente como complemento para definição dessa afinidade temática que sugerimos o uso da plataforma Descubra Sua Causa. Por meio de um “Quis” com perguntas sobre causas sociais relevantes, as respostas conduziram aos ODS com os quais eles mais tinham identificação.

Consideramos importante discutir com os jovens cada ODS a fim de pudéssemos todos, jovens e educadores, ampliar o nosso conhecimento sobre as temáticas e assim ofertar subsídios para possíveis escolhas de projetos. Adotamos esse critério entendendo que apesar de cada ODS se debruçar sobre uma abordagem particular, todas elas acabam por dialogar entre si.

A partir das definições dos grupos (dez no total) outro desafio se apresentava: pensar junto aos jovens as possibilidades de intervenção social. Muitos são os aspectos a serem considerados quando se pretende desenvolver um projeto que tem a pretensão de intervir numa dada realidade. Para o desenvolvimento dos projetos, inicialmente nos baseamos no conceito de intervenção social que descreve como alguém (ou grupo de pessoas), que pretende desenvolver uma ação planejada, buscando um ou mais objetivos, destinado a determinado público (mulheres, crianças, LGBTQIA+ e outros).

Na fase da afetação, cada grupo teve de entender a realidade dos territórios nos quais se pretendia intervir e quais problemas afetavam os seus moradores diretamente: desde a questão do lixo, passando pelas enchentes provocados pelo descarte inadequado dos resíduos até os problemas envolvendo as políticas públicas de habitação.

Em nossas discussões em sala de aula, comumente, ideias de projetos de cunho assistencialista foram sugeridas: “Vamos dar comida aos moradores de rua”, “vamos doar cestas básicas”, “vamos doar roupas”, ou seja, modelos de ação social comumente numerosos

e reforçados pela sociedade. Cabe ressaltar que nosso intuito não foi o de desqualificar tais ações, pois reconhecemos a importância para aqueles que delas precisam. No entanto, nossa intenção e incentivo seguia por uma ótica de construção de projetos mais consistentes, praticáveis e que fizessem sentido para os envolvidos e atendendo às reais demandas dos territórios, ultrapassando ações meramente caritativas e imediatistas.

Passado esse momento, observamos que uma parte dos grupos começou a pensar seus projetos a partir de uma lógica financeira, ou seja, ações condicionadas a um investimento, orçamento, verba ou incentivo. Mas de que maneira teríamos acesso a esse investimento? Na realidade, não teríamos (não tivemos). A partir dessa constatação, voltamos nossa atenção para ações inovadoras com foco nas parcerias, uma vez que os territórios pesquisados são marcados por uma forte rede colaborativa e de solidariedade. Entendemos, a partir desse olhar, que envolver os diversos atores locais fortalece a mobilização e o engajamento, atuando juntos para a promoção das mudanças locais.

Neste momento, a fim de ampliar a discussão sobre intervenção social, buscamos visitas aos espaços físicos dentre os exemplos reais de coletivos, ONG's e instituições que desenvolveram seus projetos a partir do investimento humano, baseado nas trocas de experiências e parcerias que levaram ao seu crescimento em termos de visibilidade, capilaridade e atuação.

Muitas reformulações aconteceram ao longo do processo de planejamento dos projetos, pois eram muitas as possibilidades de caminhos a serem percorridos e certa transitoriedade nas ideias que se ampliavam a cada discussão. Sobrava energia e desejo para a execução, mas, enquanto mediadores, sentíamos e buscávamos reforçar a importância do planejamento. Alguns grupos com temáticas já definidas puderam rever suas posições, seus projetos e suas intenções. Percebemos a essa altura, um misto de desgaste emocional e certa ansiedade por colocar os projetos em ação, mas também observamos que a cada discussão em sala de aula, as provocações foram gerando projetos alinhados com a agenda dos ODS e principalmente, atendendo às demandas locais e ao nosso estímulo pela formação de parcerias locais.

A mobilização com foco no território possui maior poder de engajar e comprometer atores locais em ações concretas possíveis de promover mudanças mais efetivas na comunidade. Importante destacar que o território não pode ser limitado apenas a uma demarcação geográfica, mas também como um campo de relações simbólicas, históricas e sociais responsáveis pela construção da identidade do território e que é determinante para o sentimento de pertencimento que se constrói junto aos atores locais. (“CIEDS, 2019, p. 25-26).”

O processo foi cansativo, mas, recompensador para todos nós, jovens e educadores, pois a todo o momento o nosso movimento foi o de construção e desconstrução, de diálogos e trocas que nos davam motivação para continuar e nos impulsionavam a rever as nossas ideias e pré-conceitos sobre a realidade na qual pretendíamos atuar. Como aponta Fernandes (2019):

“Dialogar sobre o território possui uma importância política e de resistência frente aos preconceitos e estereótipos ligados à favela, que limitam a diversidade e as potencialidades desses lugares e das pessoas que residem nesses espaços, produzindo imagens homogêneas, estigmatizadas e contribuindo na manutenção de estruturas sociais desiguais, sendo imprescindível o conhecimento e vivências dos jovens nesse processo (p. 25).

Desde o início do trabalho com os ODS, nosso objetivo foi o de provocar nos jovens participantes, a sua curiosidade, interesse e principalmente o seu perfil enquanto pesquisador e multiplicador de conhecimentos e boas práticas, saindo do falso imaginário popular de mero receptor de políticas públicas e ampliando a sua responsabilidade e participação no cenário em que está inserido. Aqui os jovens já ocupavam o lugar de idealizadores, pesquisadores, multiplicadores e beneficiário das próprias ações.

“Em um projeto de intervenção social é fundamental entender a posição do não saber, do não ter domínio da realidade em questão. Podemos ter pressupostos e pré-conceitos, mas estes não são absolutos, e sim provisórios. Assim, no processo de construção com os jovens conversamos e vivenciamos esta situação. Exploramos a ideia da intervenção social como um processo duplo de contribuição e aprendizagem tanto para quem é o objetivo da ação, quanto para quem executa. Não podemos intervir em uma realidade com a suposição de que já sabemos sobre ela, e esse ponto é fundamental como reformulação de paradigma entendendo que ainda muitos projetos sociais ofertam serviços sem que estes estejam de fato adequados às demandas do território, reforçando um estereótipo de desinteresse, ao invés de um contexto de falta de demanda.” (Fernandes et al, 2020, p. 17)

A exemplo do que estamos falando, um dos grupos a princípio desenvolveu um projeto em que pretendia atuar com a revitalização do espaço de um antigo projeto social na favela da Rocinha, o já anteriormente citado “Tio Lino”¹². No entanto, ao ir para o campo e buscar informações sobre o projeto através de sua responsável, identificaram que a demanda da Instituição era a de brinquedos para as crianças atendidas. Diante disso, o grupo reformulou o

¹² O “Tio Lino” é um projeto social que desenvolve atividades lúdicas e pedagógicas com crianças da favela da Rocinha há cerca de 40 anos. Seu fundador, que dá nome ao projeto, expressava sua arte através de materiais recicláveis e teve a ideia de transmitir suas habilidades às crianças. Após sua morte em 2014, o projeto passou a ser coordenado por uma de suas filhas, que através de parcerias e voluntariado mantém as atividades em funcionamento.

seu projeto e repensou sua intervenção, que passou a ter como foco a construção de brinquedos pedagógicos a partir de materiais recicláveis.

Nesse sentido, a partir dos diálogos que tivemos em grupo concluímos que, para atuar sobre determinada realidade é importante, antes de mais nada, entender a sua demanda, a fim de romper com estigmas, estereótipos e visões unilaterais sobre ela. Muitas vezes não é uma tarefa simples encontrar dados sobre a realidade local e tendemos à naturalização das desigualdades e do imaginário da carência e da falta.

Outro desafio foi construir uma compreensão comum de que desenvolver um projeto de intervenção não substitui a necessidade da presença do Estado através da formulação e proposição de políticas públicas. O Estado, como prevê a Constituição Federal, é responsável por promover o acesso a serviços de saúde, educação, assistência social, entre outros direitos assegurados pela Lei. Porém, diante de uma pequena (ou nenhuma) eficácia dessas políticas, uma das grandes estratégias é que o território fortaleça uma rede integrada, onde a intersetorialidade seja capaz de promover ações conjuntas, sejam públicas, privadas ou sociais.

Nos territórios em que vivem os jovens do Programa VIRAVIDA, comumente o que fica evidenciado é um oferecimento de atendimento às necessidades básicas de educação, saúde, assistência social, cultura e lazer, por vezes, deficitários, como as questões de infraestrutura nas escolas públicas, conflitos armados, vínculos informais de emprego e condições insalubres de moradia. Ainda hoje temos observado que uma parcela significativa de pessoas e grupos sociais desses territórios não têm as suas necessidades básicas humanas atendidas pelo Estado. Mas o que fazer diante desse cenário? (Fernandes et al, 2020, p. 15)

Buscamos através dessas discussões levar os jovens a desenvolverem um senso crítico e de coletividade, pois ainda que determinada questão não faça parte diretamente da sua realidade, outras pessoas (inclusive pessoas próximas) podem estar sendo afetadas, como a violência de gênero das quais mulheres e LGBTQIA+ sofrem cotidianamente, por exemplo. Pudemos observar que o engajamento individual em ações de interesse público possibilitou vivenciar a cidadania ativa da qual falamos desde o início desse processo e contribuiu para o fortalecimento da democracia.

Dessa forma, os jovens reforçaram em si o papel de multiplicadores de boas práticas, pois passaram a levar tais afetações para casa, suas famílias, a escola e outros espaços de participação social. Essa afetação nos mostrou o quanto ações de âmbito local podem empoderar os territórios e seus atores locais, contribuindo significativamente para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

A experiência nos mostrou o quanto é importante que os jovens assumam o seu lugar enquanto sujeitos políticos capazes de ressignificar e atuar sobre a sua realidade, como aponta

Fernandes (2019): estão sendo, atuando e mudando no agora. São importantes atores políticos que estão produzindo outras narrativas que vêm fissurando as produções de subjetividades que reafirmam estigmas e desigualdades. Jovens que não estão lutando somente pelos seus direitos, mas que a partir do sentimento de pertencimento vêm contribuindo para melhoria e positividade do território favela. (p. 98).

REDEFINIÇÕES E REALINHAMENTOS - OS PROJETOS GANHAM CORPO

Após os momentos de definição e planejamento do projeto e de alinhamento dos temas e definições dos grupos, chegou o momento da implementação das ações. Um salto para a tão esperada prática significativa, a hora de colocarem “a mão na massa”. Não foi nada fácil o percurso de investigação, pesquisa, análise do território, mas foram enriquecedoras e prazerosas as reflexões sobre as possíveis intervenções, transformações.

Mediamos conflitos, grandes reflexões e o mais interessante: a troca com os jovens. A aprendizagem ocorreu de forma plena, viva, participativa, intensa. Cada um do seu modo, no seu momento, fomos nos reconhecendo como sujeitos socialmente ativos, inclusive do processo ensino-aprendizagem que mediamos. Nossas ações e intervenções tiveram como norte a valorização e cultivo da autoestima e da autoconfiança, potencializando e descobrindo talentos, desenvolvendo habilidades, constituindo relações.

Compreender, conhecer e reconhecer o sujeito, a partir de um exame crítico da realidade do estudante, da identificação das origens dos seus problemas e das possibilidades de superá-los, é o grande desafio da educação e dos profissionais envolvidos. Portanto, educar, especialmente em turmas de jovens e adultos de comunidades menos favorecidas, significa propiciar situações de acolhimento, de vivências e de aprendizagens orientadas de forma integrada, que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, atitudes de aceitação, de respeito, de exercício de cidadania, confiança e acesso aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (FROSSARD e PINTO, 2019, p. 196).

Para atingirmos este objetivo acreditamos que o processo se faz na ação dialógica de Paulo Freire (2016). A base da comunicação é o diálogo e, para que este aconteça de forma verdadeira, ambas as partes têm que estar dispostas a falar e escutar, é uma via de mão dupla. Não cabe somente ao educador falar e aos alunos escutarem. Iniciando pela investigação, pela vivência, respeitando os interesses e a realidade dos jovens, os níveis de maturidade e de percepção de mundo, surgiram, assim, reflexões críticas sobre relações e práticas de intervenção e responsabilidade social com o território e o mundo em que vivemos.

Para tanto, estabelecemos alguns critérios para organização e definição dos temas/projetos e fizemos algumas perguntas norteadoras. Iniciamos apresentando o conceito da Matriz F.O.F.A.¹³, trazendo esse conceito para a educação com o objetivo dos jovens terem uma visão mais ampla dos possíveis projetos, identificando os principais elementos e estabelecendo prioridades de atuação, os pontos positivos, os pontos críticos, planejando e definindo ações e com isso, controlando os riscos de erros, por meio dos possíveis problemas levantados. Foi apresentada como o quadro abaixo, onde em cada quadrado foram registrados pelos grupos, após discussão, fatores positivos e negativos para a implantação do projeto, fazendo a análise do cenário: Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças.

	Fatores internos (controláveis)	Fatores externos (incontroláveis)
Pontos fortes	FORÇAS	OPORTUNIDADES
Pontos fracos	FRAQUEZAS	AMEAÇAS

Utilizamos as seguintes perguntas norteadoras: O que já temos de informação? Conhecemos o público alvo que vamos desenvolver o projeto? Quem ou quais entidades realizam atividades semelhantes a que estamos pensando realizar? Como gostaria de contribuir para minha cidade, minha comunidade? Qual a importância de se estabelecer parcerias e contatos? Perguntas essas que tiveram a base nas discussões sobre autoestima, cidadania, projetos de vida e participação social, políticas públicas, movimentos sociais, mundo do trabalho e redes de apoio, empreendidas nas atividades Psicossociais, de Empregabilidade, Pedagogia e Vivência Cidadã do ViraVida¹⁴, onde incentivamos o

¹³ A matriz F.O.F.A. é um instrumento de análise de negócio simples e valioso. Sua finalidade é detectar pontos fortes e fracos de uma empresa, com o objetivo de torná-la mais eficiente e competitiva, corrigindo assim suas deficiências. O nome é um acrônimo para Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças. Também conhecida como análise F.O.F.A. ou análise F.O.F.A, a matriz deriva da análise SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats). Realizar uma análise F.O.F.A. leva a empresa a pensar nos aspectos favoráveis e desfavoráveis do negócio, dos seus proprietários e do mercado. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/use-a-matriz-fofa-para-corriger-deficiencias-e-melhorar-a-empresa>. Em 31/08/2020.

¹⁴ As atividades do ViraVida ocorrem diariamente (segunda à sexta) e se dividem em encontros psicossociais, pedagógicos, de empregabilidade e aulas de Vivência Cidadã, Português e Matemática, como também aulas de curso de qualificação no SENAI. Além de trabalharmos transversalmente os ODS em todas essas atividades, separamos na semana, dois horários específicos para discussão dos projetos dos ODS.

mapeamento dos grupos com as seguintes questões: “Quando procurar?”, “Como estabelecer essas parcerias e relações?” e “Qual a importância dessas redes de apoio para o sucesso do projeto?”.

No que concerne à avaliação e análise de dados, tiveram base a atuação instrumental das aulas de Matemática e Língua Portuguesa no ViraVida: O que é avaliação? Como avaliar? Quais os instrumentos indicadores para avaliação? Quais os objetivos e justificativas para a apresentação do projeto? A educação intercultural é uma prática social e pedagógica, cujas atividades podem e devem ultrapassar seus muros, rompendo com o binômio teoria-prática e caminhando na complexidade que compõe a multiplicidade (ARAÚJO; FROSSARD, et al., 2017, p. 233).

É transcender, além da docência, abrindo mão dos nossos pré-conceitos, dos limites das nossas formações e atuações e seguir junto com nossos jovens por caminhos desconhecidos ou não tão pensados anteriormente, promovendo reflexões, saindo muitas vezes da zona de conforto para produzir, pensar junto, mediar, incentivar, acreditar, estudar, pesquisar. Fiori (1987) afirma que aprendemos a escrever a própria vida como autor ou testemunha das histórias. Isto é: *biografar-se, existir-se, historicizar-se*. Para isso é necessário conhecer, compreender, acreditar nos processos de criação, incentivar e contribuir para a superação dos desafios (que foram muitos) para juntos, colhermos os frutos dessas intervenções e desse processo que ora aprendíamos e reaprendíamos, ao longo das etapas, com os jovens, ora contribuíamos para o aprendizado ou mediávamos. É a educação demonstrando o poder de transformação de todos os envolvidos.

Qual era a sua causa? A nossa causa? Retomando o vídeo apresentado na fase de afetação, os jovens foram divididos em grupos/temas de interesses e após tempestades de ideias e aplicação da matriz F.O.F.A., foram definindo os grupos com bases nos ODS: Educação de Qualidade, Boa Saúde e Bem Estar, Igualdade de Gênero, Emprego Digno e Crescimento Econômico, Cidades e Comunidades Sustentáveis, Redução das Desigualdades, Consumo e Produção Responsáveis, Parcerias em Prol das Metas, Erradicação da Pobreza. Em alguns grupos, suas temáticas abrangiam e trabalhavam mais de um Objetivo de Desenvolvimento Sustentável.

No Programa ViraVida, acreditamos na capacidade do jovem na produção de conhecimento e valorizamos o seu ponto de vista sobre o seu território, sua criatividade e seu potencial de inovação para propor práticas solidárias de objetivos comuns, alinhadas com os

pilares essenciais dos ODS's,¹⁵ como, as pessoas, a paz, as parcerias, a prosperidade, e o planeta. (FERNANDES et al, 2020).



Combinamos juntos os critérios para organização e estrutura dos projetos, como seriam as apresentações nos slides, como apresentar o percurso das etapas do desenvolvimento dos projetos, a quantidade de slides, o que deveria constar: fotos, vídeos, *links* entre outras evidências.

Combinamos um seminário de fechamento dos trabalhos com os ODS, onde cada grupo deveria apresentar sua ação/intervenção/projeto com a seguinte estrutura: Resumo, Introdução, Justificativa, Objetivos, Metodologia, Cronograma, Avaliação/Análise de dados, Materiais e recursos utilizados e Referências Bibliográficas, bem como com fotos, as Redes Sociais utilizadas e a logomarca do Projeto também desenvolvida e criada por eles.

Alguns grupos estabeleceram parcerias externas para o desenvolvimento do projeto, tais como: Escolas, ONG'S, Secretarias de Educação e Saúde, Grupos de apoio Psicossocial de Idosos, além de parcerias com o comércio e empreendedores locais para divulgação das lojas, produtos e, de profissionais conceituados, como por exemplo, do grupo do projeto Macho de Vidro, que conseguiu o apoio de um produtor e cinegrafista profissional que contribuiu com a edição do vídeo final do grupo.

Foi muito interessante e prazeroso presenciarmos o empenho e a satisfação dos grupos para fazer acontecer cada projeto. A cooperação entre eles também foi algo muito positivo. Um jovem tinha muita habilidade com uso de tecnologias, outro com desenho, outro com culinária e sempre houve ajuda mútua entre os outros grupos, com materiais que muitas vezes eles compravam com o dinheiro deles na ânsia de ficar bonito, caprichado, com atenção aos

¹⁵ Os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - ¹⁵Fonte: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/desenvolvimento-sustentavel-e-meio-ambiente/134-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-ods>. Acesso em: 27/05/2020.

acabamentos e cumprimento dos prazos e, também, por parte dos familiares dos jovens de outros grupos que também colaboraram com recolhimento e doação de materiais recicláveis. De acordo com Macedo (2005, p.15), “as situações-problema envolvem o planejamento, a tomada de decisão, a análise do contexto, além do desenvolvimento de habilidades e competências”.

Antes das apresentações ou visitas aos parceiros, realizamos um encontro de mentoria com cada grupo. Esse momento foi importantíssimo! Acreditamos que foi a grande virada dos grupos, pois nesse momento íamos analisando item por item, dado por dado, objeto confeccionado, *site*, *layout*, texto, realizando anotações numa planilha, estabelecendo prazos e delegando tarefas aos componentes, indicando caminhos e possibilidades. Em alguns momentos tivemos que ter um conversa mais franca e de conscientização com alguns jovens que não estavam compartilhando ou contribuindo com o coletivo.

A estrutura organizacional do ensino no Brasil sempre privilegiou o domínio de conhecimentos e experiências profissionais como únicos requisitos para a docência. É preciso, além disso, ter consciência do im-pacto da nova revolução tecnológica sobre a produção e socialização do conhecimento e formação de profissionais. Com esse impacto, a produção e divulgação do conhecimento geraram a necessidade de estabelecer uma metodologia que priorize o diálogo entre educador e sociedade. O papel do professor é orientar as atividades de aprendizagem e ser o incentivador do desenvolvimento de seus alunos. (Revista Educação, 2013¹⁶).

Com a etapa escrita e estrutural finalizada, organizamos a etapa de ensaio das apresentações para o seminário de fechamento dos trabalhos em dois momentos: 1ª fase – nas salas de aula os grupos apresentaram seus projetos para os outros colegas das duas turmas no mesmo turno, para construirmos um *feedback* coletivo, como foi todo o processo. Registramos as considerações e intervenções, bem como as dicas em relação à oratória, comportamento, apresentação, erros de português, tempo de apresentação, além de trabalharmos com os jovens, competências importantes no desempenho de cada um, mediarmos questões comportamentais como: relação interpessoal, inteligência emocional, senso de coletividade, trabalho em equipe, autoestima, autonomia e empatia.

Para a 2ª fase de preparação para a apresentação do resultado dos projetos e ações no seminário proposto, agendamos uma data no auditório onde seria realizada a apresentação oficial, com som, iluminação, microfone, enfim, todos os recursos necessários. Cabe ressaltar,

¹⁶ Disponível em: (<https://revistaeducacao.com.br/2013/03/27/a-mediacao-pedagogica-no-seculo-21/>). Acesso em: 03/09/2020).

que nesse segundo ensaio, tudo o que foi solicitado através das intervenções e dicas anteriores, foi contemplado e apresentado pelos grupos.

Todas essas situações vivenciadas pelos jovens e por nós da equipe foram um grande desafio no desenvolvimento de habilidades e competências, pois exigiram maior empenho e trabalho. Cada projeto foi pensado, observado, avaliado, pesquisado, sendo exigido que tivéssemos que estudar e conhecer os ODS, as conexões e conteúdos elencados em cada item e subitem, as formas de abordagem e, como as disciplinas de competências básicas (Língua Portuguesa, Matemática e Vivência Cidadã) poderiam contribuir. Além disso, aprendermos com o fazer dos jovens, suas formas de encarar as realidades que vivenciavam e como eles as explicavam; uma experiência rica de empatia.

Conhecer, reconhecer e desenvolver novas habilidades e competências nos nossos jovens foi um aprendizado para toda a vida. A deles e as nossas. Uma experiência que nos demonstra como a educação ainda precisa mudar. Precisamos conhecer a história de vida, o território, as intervenções e instigar, desafiar, auxiliar os jovens a serem protagonistas de suas vidas e tomarem consciência das suas potencialidades, da importância de leitura de mundo e interpretação. Em uma pedagogia das situações-problema, o papel do aluno é implicar-se, participar de um esforço coletivo para elaborar um projeto e construir, na mesma ocasião, novas competências. Ele tem direito a ensaios e erros e é convidado a expor suas dúvidas, a explicar seus raciocínios, a tomar consciência de suas maneiras de aprender, de memorizar e de comunicar-se (Perrenoud, 1999, p. 65). A seguir, uma breve síntese dos dez projetos desenvolvidos pelos jovens do Programa VIRAVIDA como Trabalho de Conclusão do Curso – TCC no ano de 2019, bem como as logomarcas¹⁷:



¹⁷ Todos os projetos estão mais detalhados no artigo: Protagonismo Juvenil e Pedagogia Social - Uma Experiência De Trabalho com Os ODS no Programa ViraVida /RJ. **Revista Pedagogia Social UFF**, 2020. Em: www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/242>. Acesso em: 01 set. 2020.

PROJETO**RESUMO**

MULHERES LUTANDO	O projeto tem como objetivo valorizar o empoderamento das mulheres em relação ao mercado de trabalho, ressaltando a luta por direitos e pela igualdade no trabalho. Foram realizadas duas ações principais: entrevistas com mulheres de perfis e histórias de vida diferentes; e a criação de uma página no Instagram com os depoimentos e postagens sobre os temas abordados.
CONSCIENTIZE-SE	O projeto tem como objetivo a conscientização sobre a utilização de itens que são descartados diariamente através de tutoriais, reportagens e dicas através de uma página no Instagram, colaborando para a redução dos impactos ambientais e do lixo.
<u>DIVULGAÇÃO</u>	Divulgar os serviços não é tarefa fácil quando não se tem tempo, dinheiro ou parcerias. A falta de oportunidades tende a excluir as pessoas moradoras de periferias e favelas do mercado de trabalho. O projeto Divulgação, com a sua página no Instagram, vem como uma alternativa que contribui para a divulgação de serviços, da Rocinha e Vidigal, valorizando o território, a economia local e incentivando o empreendedorismo.
ECOKIDS	Com o intuito de conscientizar o público infantil sobre a reutilização de materiais recicláveis, montamos brinquedos sustentáveis e fechamos parceria com uma creche municipal, a fim de que sejam realizadas oficinas lúdicas, estimulando a desenvoltura e criatividade de cada criança participante.
MACHO DE VIDRO - A construção da desconstrução	O projeto tem como objetivo informar e conscientizar como a masculinidade frágil afeta os homens em diferentes âmbitos e contribui para a manutenção da desigualdade de gênero. Foi realizado um documentário com homens jovens, na qual foram discutidas questões como cuidado com a saúde, expressão de afeto e preconceitos.
JOVENS CUIDADOSOS	O projeto surgiu a partir da pesquisa sobre a saúde dos idosos e convivência, que enfrentam dificuldades físicas e que também há situações de falta de carinho e atenção. Diante disso, fizemos uma parceria com a Casa Naná, um serviço de convivência para idosos da prefeitura, onde foi realizado oficinas que para exercitar a memória, aprendizagem, troca de informações e valorização das histórias de vida.
MENINX.S	O grupo busca apresentar questões sobre o corpo feminino e tabus. Nossa ação foi mobilizar a atenção de jovens através de postagens com resumos de assuntos sobre o corpo feminino e o empoderamento das mulheres. Decidimos atingir o nosso público alvo com uma página no Instagram, já que a Internet tem um grande alcance e atinge as pessoas de qualquer lugar.
JUNTOS SOMOS MAIS	O projeto teve como objetivo desenvolver jogos educativos a partir de materiais reciclados nas áreas de matemática, português e cidadania para as crianças de 8 a 12 anos, do projeto comunitário Tio Lino, na Rocinha. Os integrantes do grupo realizaram uma tarde de dinâmicas e brincadeiras para apresentação dos jogos construídos.

<p>VIRA-RECICLAGEM</p>	<p>O projeto Vira-reciclagem aconteceu em parceria com a Escola Municipal Rinaldo de Lamare na Rocinha, e teve como ideia principal conscientizar as crianças sobre a importância da sustentabilidade como um estilo de vida, a partir de oficinas de brinquedos feitas na escola sobre a reutilização de materiais recicláveis.</p>
<p>PAPO DO BEM</p>	<p>Papo do Bem é um projeto que visa contribuir com a saúde mental e bem-estar das pessoas, considerando que a saúde mental e a qualidade das relações pessoais estão fragilizadas na nossa sociedade. Criamos uma página no Facebook para mostrar o quanto à vida social é importante e o quanto muitas pessoas adoecem por conta da falta de carinho e afeto. Também fizemos um vídeo sobre afeto e empatia, a partir de uma dinâmica realizada com as pessoas na rua.</p>



18



19



20

TRAÇANDO UM PLANO COMUM DE INTERVENÇÃO A PARTIR DA TRANSVERSALIDADE

A metodologia é uma escolha importante no processo de construção de uma pesquisa e intervenção social, por possibilitar os exercício dos valores e ética que norteia as atividades envolvidas. Realizar um projeto inserido dentro de outro projeto demanda ainda mais alinhamentos para que ao invés de potencializar conhecimentos, não acabe acontecendo uma confusão de iniciativas, sobrecarregando a equipe e jovens.

¹⁸ Atividade “Você confia em mim? Me dá um abraço? Realizada em frente ao Camelódromo da Rocinha no Rio de Janeiro, como parte do Projeto “Papo do Bem”.

¹⁹ Jogos Matemáticos a partir de sucata e materiais recicláveis. Na foto “Jogo da Velha gigante”.

²⁰ : Sensibilização do grupo CuIdADOSOS, realizando atividade de meditação e acolhimento com Idosos do projeto social Casa Naná.

Nossa primeira reunião de equipe aconteceu no início do ano de 2019, ao pensarmos a proposta era um misto de excitação, frio na barriga e de “será que isso vai dar certo?”. O desafio era ousado, desenvolver de uma forma multidisciplinar e transdisciplinar, crítica e interventiva os ODS’s articulando com o conteúdo da matriz escolar do projeto. Ou seja, articulados com as atividades de curso de educação complementar pelos profissionais de português, matemática e vivência cidadã e do eixo de desenvolvimento humano, composto pela psicologia, empregabilidade, pedagogia e serviço social.

Há anos no programa vínhamos caminhando no intuito de articular e atravessar os saberes, o que não é tarefa fácil, como ressalta Ana Lúcia Heckert e Maria Elizabeth Barros (2007) “Problematizar os limites de cada disciplina é argui-las em seus pontos de congelamento e universalidade, nomadizar as fronteiras dos campos de saber, tornando as instáveis, fazendo-as planos de criação de outros objetos-sujeitos” (p.113). Isso já acontecia de forma muito potente nos estudos e acompanhamentos de caso, também de forma cada vez mais fluida nos encontros em grupo, entretanto em uma dinâmica mais interdisciplinar, como na articulação da psicologia com o serviço social e da pedagogia com a empregabilidade. A proposta agora era promover outros encontros e combinações somando à educação complementar no processo.

No primeiro encontro realizamos uma tempestade de ideias, compartilhamos as nossas expectativas e discutimos conceitos que seriam importantes estarem alinhados, tal como o de cidadania. Ao trabalharmos metas globais articulados com a responsabilidade e importância de ações locais, como compreender os deveres, direitos e fronteiras do ser cidadão? Como alinhar, dentro de uma perspectiva de construção, da educação, os olhares da psicologia, do serviço social e da vivência cidadã, por exemplo? Como abordar a cidadania e protagonismo dentro da realidade das favelas sem cair numa individualização das questões e desresponsabilização do governo?

Tínhamos muitos desafios pela frente, diversos questionamentos e a conclusão que seria importante alinhar o nosso discurso, mas não concluir ou limitá-lo. Não existe uma verdade universal sobre a realidade e a nossa propostas era um caminhar coletivo, incluindo nessa trajetória o olhar dos jovens e tudo que iríamos construir e aprender juntos. Assim, a sensação do não saber não era algo a ser expurgado, mas era uma condição necessária para a produção coletiva, na qual não acontece diante das inflexibilidades da certeza. Dessa forma, são as recalcitrâncias no desenvolver da pesquisa intervenção que nos possibilitam emergir e perceber insurgências, saberes que rompem com o estabelecido (FERNANDES, 2019; FERNANDES e BICALHO, 2020). Recalcitrar é resistir. E essa era a intenção. Romper com

o que estava posto e possibilitar novas construções de ações e realidades mais igualitárias e de acesso aos direitos básicos.

Qual era o papel da equipe nessa trajetória? Vários. Educador; pesquisador; aprendiz; mediador; cidadão. Funções que não se davam de forma linear e nem “uma de cada vez”. Realizar um trabalho transdisciplinar implica vivenciar experiências distintas e necessárias para a realização do trabalho em uma dinâmica nova para a equipe.

A perspectiva transdisciplinar a que nos referimos não busca estabilidade, mas a interferência entre as disciplinas, intervenção que desestabiliza um saber disciplinar, visando a uma transformação nos modos instituídos de funcionamento nos diferentes campos disciplinares. Assim, o viés interdisciplinar que perfila de forma dualista o processo de constituição das disciplinas e suas articulações, ao se insinuar nas práticas no campo da Psicologia, acaba por fixar territórios fechados de campos disciplinares, o que pode dificultar a construção de novos arranjos institucionais que possam se constituir em efeitos de polifonia. Esse modo de tratar essa questão significa afirmar que tanto o objeto quanto o sujeito e o sistema teórico ou conceitual com o qual ele se identifica, são efeitos que emergem de um plano de constituição, atravessado também por aspectos estéticos, éticos, econômicos, políticos e afetivos, não tendo, assim, a unidade e homogeneidade de uma disciplina ou de um campo ‘científico’ (HECKERT E BARROS, 2007, p.111).

Nós estávamos na função de educadores, ao termos o compromisso com o desenvolvimento e aprendizagem dos jovens, para além de um viés conteudistas, mas na questões que emergiam no decorrer do caminho: no incentivo de potencialização de ideias; nas situações de conflitos e discordância entre os jovens; nos momentos de descumprimentos de acordos nos grupos; no acolhimento diante de momentos que o planejamento teria que ser revisto; na escuta atenta aos conhecimentos que os jovens compartilhavam etc.

Essa aprendizagem motivada visa à formação autônoma e o desenvolvimento integral do aluno, que envolve os aspectos físicos, cognitivos, sociais e afetivos. (...) uma educação para a cidadania, que antes de tudo possibilite e incentive a construção do caráter, que contribua na formação do indivíduo, dando um significado para sua realidade e que ofereça subsídios para o desenvolvimento do mesmo. (...) isso significa trabalhar as potencialidades para que o aluno exerça suas responsabilidades pessoais e sociais e acredite na educação como ferramenta de transformação da sua vida e do seu território. (FROSSARD e PINTO, 2019, p. 206).

O importante era que nós e os jovens estávamos construindo um plano comum, habitando aquele território de construção coletiva, não em uma relação de “somos todos iguais” em termos de papéis e de responsabilidades, mas justamente na potencialização das diferenças e construção de um saber COM e não SOBRE algo. Para além de verticalidades ou horizontalidades, nós - equipe e jovens, estávamos transversalizando, colocando ao lado, como em um círculo, onde estão todos inclusos e em um mesmo plano - "plano sem hierarquias, embora com diferenças; sem homogeneidade, embora traçando um comum, uma

comunicação" (ALVAREZ E PASSOS, 2014, p.142), em uma relação de acolhimento e parceria.

Uma situação foi muito marcante, o “Dia da Fotografia”. Nós estávamos “namorando” uns dados coloridos e grandes nos formatos dos ODS que pertenciam ao setor de sustentabilidade da empresa. Após algumas articulações, conseguimos emprestado os dados, um fotógrafo institucional para registramos um trabalho com qualidade profissional e também utilizarmos o material registrado para fazermos um surpresa para os jovens no dia da formatura do Programa ViraVida, plotando as fotos para ambientar o evento como forma de homenageá-los pelo trabalho.

Contamos para os jovens, que ficaram muito animados! O combinado era que faríamos fotos dos grupos de trabalho e dos materiais produzidos, como os brinquedos sustentáveis. As fotos seriam em dois momentos, com os cinquenta jovens do grupo da manhã e, posteriormente, com os cinquenta jovens das turmas da tarde. Nossos alunos tinham como meta finalizar os acabamentos dos brinquedos antes do dia da fotografia e irem com a camisa do projeto, sem as desculpas de “foi mal, mas não deu tempo de secar a blusa”.

Um dia antes do dia combinado, às 16h, recebemos a ligação informando que por questões institucionais, estava cancelada a ida do fotógrafo. Ficamos muito chateados e sem saber como informaríamos a notícia aos jovens. E com os planos de homenagem na formatura terminados. Re-si-li-ên-ci-a. Essa é uma das habilidades mais desenvolvidas nos profissionais que atuam como educadores, seja na escola, em projetos sociais, em abrigos etc. “Okey” que ser resiliente todo o tempo, não só cansa, como adocece, mas tem horas que “o show tem que continuar” e não poderíamos deixar nossos jovens parceiros na mão. Fizemos isso por eles e por nós, porque merecíamos!

No dia seguinte, colocamos os dados no carro e fomos rumo ao nosso destino. No térreo, alguns jovens nos aguardavam para nos auxiliar a subir com o material. No andar que acontecia o projeto, estava um alvoroço: era grupo finalizando brinquedo, outro dando prosseguimento aos projetos, muitas jovens no banheiro se maquiando para as fotos, os meninos passando gel no cabelo e todos com a blusa do projeto!

Chegou a hora de contar que a ida do fotógrafo havia sido cancelada. Eles perceberam nossa frustração, mas também empenho em fazer aquele dia acontecer. A resposta que tivemos foi de apoio e entusiasmo deles porque iríamos nos unir e fazer as fotos, mesmo sem fotógrafo profissional. “Ei, quem tem a melhor câmera?” Surgiram Iphones e outras câmeras como equipamento. Analisamos a melhor luz, poses, montamos cenários, as ordens dos grupos, bom ângulo para os brinquedos.



Nos unimos, nos divertimos e fizemos acontecer. Das 10h às 18h horas daquele dia foram de muitos *flashes*, risos, improvisos e diversão. Esse dia, devidamente registrado, foi permeado pela ação coletiva e engajamento do grupo, possibilitado pela construção desde o início de plano comum de intervenção. Engajamento esse, que resultou em lindos painéis expostos no dia da Formatura dos jovens do Programa. As imagens por si demonstram tudo...



Ao longo dos 10 meses de atividades do programa, os jovens e nós tivemos a oportunidade de refletir, debater e formar grupos de trabalho, articulando parcerias locais e potencializando a comunicação através das mídias sociais.

A Apresentação final dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) dos jovens do Programa Vira Vida 2019 com base nos ODS, foi um evento organizado com o objetivo de apresentar o resultado de um desafio proposto pela gerência: Projetos de intervenção social relacionados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS da ONU. Conforme abordado anteriormente, os projetos foram idealizados e construídos pelos jovens do Programa ViraVida, mediados pelas áreas de Educação Continuada e Desenvolvimento Humano.

A apresentação dos grupos foi no Auditório do 18º andar do Centro de Cidadania Rinaldo De Lamare em São Conrado, no dia 11 de novembro, com a presença de autoridades, professores, pesquisadores de outros estados, familiares e parceiros.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da nossa jornada sobre os ODS não tínhamos noção do caminho de desenvolvimento que iríamos todos percorrer. Entretanto, no decorrer percebemos que abordar essa temática nos possibilitou também organizar e consolidar o que já vínhamos fazendo em termos de metodologia, didática e conteúdo. Os ODS abordam problemáticas

mundiais, que nós, no âmbito de cidadãos de um dos países mais desiguais do mundo, vivenciamos no dia a dia e dialogamos no programa de forma crítica e acolhedora.

Dessa forma, o projeto sobre os ODS redimensionou a importância do que já vínhamos construindo e ampliou as possibilidades de ação e intervenção social, nos desafiando a pensar que grandes ações não dependem, necessariamente, de quantidade de pessoas e verba disponível, mas principalmente, do seu potencial de transformação. Neste sentido, o potencial de mudança de um estado já consolidado, instituído, para outro, que potencialize outra-nova concepção de política e democracia, a partir inventividade, resistência e singularidades. Novos fluxos que impeçam que tudo volte necessariamente para o mesmo lugar, exatamente aquele do qual pretendíamos sair (FERRAÇO E AMORIM, 2017). Fomentando um contexto de imersão em possibilidades outras, pautadas, no caso do projeto, no valor do coletivo e na quebra de preconceitos e estereótipos.

Assim, quando discutimos e construímos projetos de intervenção, para além da simples operacionalização, foram sendo construídos novos olhares sobre a realidade. Como relatado anteriormente, quando um dos grupos foi a ONG parceira no intuito de fazer uma ação sem perguntar de antemão se a ação proposta era necessária, perceberam a importância do fazer COM e não SOBRE o que achamos que é melhor para o outro, desconstruindo uma atitude de suposto saber. O grupo reconstruiu o que estava planejado para que pudesse ser realizado algo que fosse bom e que trouxesse crescimento para ambas as partes, em um movimento de diálogo, quebra de pré-conceitos e fortalecimento de redes de apoio.

Outro grupo decidiu fazer uma atividade com pessoas ditas da terceira idade, com um sentimento inicial de bem-estar para pessoas que estavam “velhas” e solitárias, no decorrer dos encontros realizados, vimos a surpresa e o “contágio” com a energia e vitalidade encontrada nesse coletivo animado, composto na sua maioria por senhoras; a potencialização de bons afetos (TIMM; PEREIRA, 2016); empatia; troca de experiências; e pré-conceitos sobre envelhecimento e juventude. Em outro grupo, a temática escolhida havia sido saúde mental, e no percurso, ocorreram alguns conflitos, no qual se não tivesse havido um movimento de pausa e atenção, não teriam percebido que seria incongruente fazer um página *online*, sobre empatia, autocuidado e acolhimento, quando havia pessoas no grupo em sofrimento.

No início da idealização do projeto, por um momento, chegamos a cogitar a possibilidade de premiação dos grupos com melhores desempenhos. Posteriormente analisamos que não faria sentido. Primeiro, o quê de fato seria um bom resultado? Ou melhor, desempenho? Dentro do contexto que estávamos querendo fomentar, o que faria uma ação ser melhor ou menos importante do que outra? Havia uma riqueza de possibilidades a serem

potencializadas e não ranqueadas. O intuito era de dialogarmos e vivenciarmos ações colaborativas e igualitárias, não seria coerente discutirmos sobre justiça social e valorização das singularidades e agirmos de forma injusta e padronizando méritos. Quando pensamos no dia das apresentações dos trabalhos, tudo que vivemos e construímos, de fato não haveria nenhum sentido nisso. Acabaríamos bloqueando o nosso olhar enquanto equipe para os resultados que emergiam em cada grupo.

O projeto dos ODS foi transformador para todos nós - equipes e jovens. Todos os encontros, diálogos, engajamentos, parcerias e sentimentos de desenvolvimento nos levaram a uma transformação que somente uma educação engajada com a transformação social é capaz de promover.

Em todas as atividades que realizamos com os jovens procuramos juntamente com eles conhecer os objetivos do desenvolvimento sustentável, refletir sobre os mesmos e realizar o diagnóstico sobre uma determinada problemática a partir do território de pertencimento de cada um dos educandos na perspectiva de uma mudança ou melhoria da realidade local. Isso gerou a construção de muitos projetos que facilitaram o protagonismo na ação social, possibilitando atuação de forma direta nas questões sociais, afirmando suas cidadanias, proporcionando experiências e o fortalecimento de si mesmos.

Como proposto na última etapa da metodologia, para além de resultados, da importância, foi a experiência desenvolvida ao longo do processo, que nos fez vivenciar o quanto é importante não somente para os jovens, mas para a sociedade e o futuro do nosso país que os jovens exerçam o seu lugar enquanto sujeitos políticos capazes de ressignificar e atuar sobre a sua realidade. Para além do clichê e preconceito do jovem “que virá a ser”, nossa experiência ressalta o quanto eles já são: críticos, potentes, sensíveis e transformadores.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓCIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ARAÚJO, Margareth M.; FROSSARD, Adriana A.; et al. Diálogos interculturais e pedagogia social: novas perspectivas à formação docente (p. 219 a 237) In: SANTIAGO, M. C.; AKKARI, A.

(Org.). **Formação de professores: perspectivas interculturais**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017. V. 1.

BARROS, Maria E. B. **Desafios ético-políticos para a formação dos profissionais de saúde: transdisciplinaridade e integralidade** BARROS, Maria E. B. In: Ensinar saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde/ Roseni Pinheiro, Ricardo Burg Ceccim e Ruben Araujo de Mattos, organizadores.– Rio de Janeiro: IMS/UERJ: CEPESQ: ABRASCO, 2005. 336p. ISBN 85-89737-30-6

CIEDS. **Mobilização social e ação coletiva: aprendizagens para a promoção do Engajamento Cívico e Comunitário**. Documento interno de sistematização de experiências. Rio de Janeiro: CIEDS, 2019.

FERNANDES, Luana A. C. **Meu Lugar: Potencialidades e resistências na relação dos jovens moradores da Rocinha com o seu Território**. 2019. 141f. Dissertação de Mestrado (Políticas Públicas). Núcleo de Políticas Públicas em Direitos Humanos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

FERNANDES, Luana et al. Protagonismo Juvenil e Pedagogia Social - Uma Experiência De Trabalho com Os ODS no Programa ViraVida /RJ. **Revista Pedagogia Social UFF**, [S.l.], v. 9, n. 1, jun. 2020. ISSN 2527-0974. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/242>>. Acesso em: 01 set. 2020.

FERNANDES, Luana A. C; BICALHO, Pedro P. G. Entre voos e pousos: o rizoma como princípio da prática cartográfica de produção do conhecimento. (p. 153 a 164). In: LEMOS, Flávia C. S et al. **Pesquisar com as psicologias: artesanais e artifícios**. Coleção Transversalidade e Criação - Ética, Estética e política. volume 10. Editora CRV, Curitiba, 2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** – saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FROSSARD, Adriana A.; PINTO, Graziane F. Práticas na educação de jovens e adultos e suas possibilidades. (p. 195 a 207). In: ARAÚJO, Margareth M. (Org.). **Pedagogia Social:**

métodos, teorias, experiências, sentidos e criatividade. Curitiba: CRV, 2019. 264 p. (Coleção Pedagogia Social).

FINO, Carlos Nogueira. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de Educação**, vol. 14, nº 2, 2001. pp. 273-291. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/11.pdf>>. Acesso em 01 de Set. 2020.

HECKERT, Ana L. C.; BARROS, Maria E. B. Fracasso escolar: do que se trata? Psicologia e educação, debates “possíveis”. **Aletheia**, n.25, p.109-122, jan./jun. 2007

PEREIRA, Thiago Ingrassia. A vida ensina: o “saber de experiência feito” em Paulo Freire. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, p. 112-125, junho, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6896>>. Acesso em: 01 set. 2020.

SANTOS, Diego da Silva. Uma travesti pode ser advogada? O CISTema educacional e o desafio da permanência na escola de travestis e transexuais jovens moradoras da Rocinha, RJ. Rio de Janeiro, 2019. 185 p. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas em Direitos Humanos) – Núcleo de Políticas Públicas em Direitos Humanos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

TIMM, Flávia B.; PEREIRA, Ondina P. Teoria dos Afetos de Espinosa: ruptura com as servidões em psicologia. In: LEMOS, F. C. S. et al., Criações transversais com Gilles Deleuze: artes, saberes e política. Coleção Transversalidade e Criação: ética, estética e política, v. 6. p. 39-49.